Só a verdade é forte.
Wagner.

A RESPOSTA

A VERDADE TARDA, MAS N FALTA.
Proverbio.

S. PAULO — **Diretor - PROFESSOR JOSÈ CARDOSO** — BRASIL

ANNO I | **Agudos, 20 de Maio de 1932** | **NUM. UNICO**

A Nossa Folha

O prometido é devido. Prometemos fazer conhecidos da população de nossa terra, em relatorio tornado publico, os serviços que, ao fiscalizarmos sua escola normal livre, lhe prestámos, e vimos cumprir a nossa palavra.

Desses serviços a grande maioria é sobejamente conhecida dos nossos conterraneos e por eles já fizemos jús aos aplausos reiterados que nos não foram, na ocasião oportuna, regateados. Ha, porém, a minoria deles que, com ser talvez menos importante, não deixa de ter grande interesse e valer a pena da publicidade, já por projetar luz vivificante nos acontecimentos mais significativos, já por possuir o sabor sempre doce de episodios narrados com sinceridade, para que por eles seja melhor julgada a conduta de um homem que, não tendo feito mal algum a Santa Rita, lhe fez todo o bem exigido pelas elevadas responsabilidades de seu cargo.

Grandes e pequenos serviços, todos se acham sintetizados no relatorio que se vai ler, apanhado fiel da nossa ação extensa e intensa na referida casa de educação.

Ha mais. Ha ainda, nos documentos que se seguem ao relatorio, a próva evidente da nossa honestidade pessoal e probidade profissional, trazida aqui a lume com um intuito unico: o de confirmar categoricamente, com toda a firmeza necessaria, sem receio de contestações de quem quer que seja, as declarações feitas a nosso respeito, com inteira justiça, pelo oficial de gabinete do senhor Diretor Geral do Ensino, quando visitado pela reportagem do «Diario de S. Paulo», nos seguintes termos: «O fiscal da escola normal livre de Santa Rita possue folha de ótimos serviços prestados á causa da instrução brasileira, é um homem integro, cumpridor de seu dever».

Nesses documentos é que desejamos vão os santaritenses buscar explicações para os átos aí por nós desempenhados. Nesses documentos que, espelhando o passado limpido de um homem, são as próvas irrefutaveis da elevação de vistas com que soube, em sua propria terra, dar desempenho ás sagradas funções de seu posto. Aí e não algures, queremos e exigimos, dos que nos queiram julgar, seja encontrada a base necessaria para um julgamento sereno e desapaixonado.

E' que esses documentos são assinados por personalidades de alta significação no cenário da Patria e não encontramos em Santa Rita, em seu meio infelizmente pobre de homens, quem com tais personalidades possa hombrear, pela elegancia mental e moral que as valorizam e destinguem.

Era nosso proposito calar palavras, como o temos feito até aqui, sobre a nossa conduta passada, que nos veio impôr os átos de dignidade em Santa Rita realizados. Sempre fomos infenso a quaisquer declarações pouco modestas tecidas em torno de nossa pessoa. Em nossa terra, porém, pupulam os espiritos mesquinhos, capazes de todas as calunias e vilanias, e é para que a nossa gente, que já os conhece de sobra, se certifique mais ainda, acautelando-se para o futuro, dos seus processos vis e baldados de menosprezo e achicalhe da dignidade alheia, que vimos, botando assim pontos nos ii, dizer alto e bom som, pela eloquencia de fatos contados com escrupulo, dos esforços inauditos com que tentámos elevar o nivel moral da mocidade santaritense, á solta hoje num ambiente nocivo de exemplos indignos, dados por quem, detentores da sua orientação, outra cousa não tem feito que, capciosamente, desempenhar mandatos irreverentes, como titeres informes ou bonecos de engonço nas mãos de mandante nulo, figurão ôco, tartufo despresivel, extrangeiro abjeto, e inimigo por isso mesmo, este como aqueles, da felicidade de nossos conterraneos.

E' o ultimo serviço sem duvida que pretendemos prestar á nossa gente. E o fazemos, fiquem certos os titeres e o figurão a que nos referimos, sem receio ulgum dos seus propositos de vingança torpe, a que já nos habituámos. Dia virá— cremos religiosamente no futuro—em que o nosso povo, abrindo mais os olhos, sacudirá então fóra de si o jugo infamante, sob cujo peso vive resignado, em defesa exclusiva de seu bem estar coletivo.

Sursum corda!

Agudos, 20—5—932.

JOSE' CARDOSO

RELATORIO

apresentado ao Diretor Geral do Ensino, em 8 de abril de 1932, pelo prof. José Cardoso, fiscal da Escola Normal Livre de Santa Rita:

EXMO. SR. DIRETOR GERAL DO ENSINO.

«O coração é hostia elevada á Suprema Bondade; e a alma do professor se deve orientar para a Suprema Justiça.
—O mestre morre; não se rende.
—A escola é a Consciencia; não corrompe.»

E' sob a inspiração elevada destas palavras sábias de Dario Velozo, escritor paranaense, que inicio este relatorio dos serviços por mim prestados á Escola Normal Livre de Santa Rita, minha terra natal. Relatorio que, apresentado á Diretoria Geral do Ensino paulista, será a demonstração fiel de trabalhos relevantes empreendidos por um professor entusiasta, em perto de um ano de atividades fecundas. E para que se julgue da importancia de tais trabalhos, nada mais seria preciso evidenciar que a luta titanica travada, com idealismo sadio de moço, por um filho da propria terra, onde viveu a sua meninice, contra a rotina que tenta emperrar, prendendo-as nos tentaculos absorventes, as avançadas seguras e energicas em pról de uma educação melhor, calcada em conhecimento solido do meio e orientada para diretrizes certas e definidas.

A rotina é sempre a rotina. A rotina opõe-se sempre, com desassombrada energia, ás inovações tendentes a melhorar o meio social, dando-lhe significação e norte. «Todos os rotineiros, já o afirmava Ingenieros, são intolerantes; o reverbero da originalidade céga-os. Fogem dos pensadores alados, albinos diante da sua luminosa reverberação» e ai! daqueles que, «tentando pensar com a propria cabeça», anseiam por introduzir, na sociedade onde vivem, praticas originais e construtoras, mas, sobre construtoras e originais, perturbadoras sem duvida dos habitos diarios condutores dos que, envelhecidos já, de corpo ou só de espirito, se não sentem capazes de adquirir outros, em flagrante atestado assim de inadaptabilidade a novas e promissoras fórmas de vida.

Isso já o sabia eu de antemão. Não ignorava, em hipotese alguma, antes de iniciar o meu trabalho aqui, no cargo de grande responsabilidade alcançado após concurso — livre, portanto, de quaisquer peias de gratidão — as dificuldades com que arcaria, uma vez que me dispuzesse a arrostar, serena e implacavelmente, a rotina esteril a que se entregavam os professores da Escola Normal, alheios de todo ás idéas pedagogicas luminosas que revolucionam as escolas de nosso tempo. Não o ignorando embora, enfrentei, sem recear consequencias, o problema educacional em minha terra, na certeza de que, si de todo me não fosse dado resolve-lo, encaminha-lo-ia para a solução, e isto já constituiria premio bastante para os meus esforços sinceros de professor. E' que, nos ouvidos, me ressoavam, previdentes e animadoras, as palavras sensatas de Kerschensteiner, pedagogo de Munich: «O ultimo e mais elevado trabalho que o educador póde levar a cabo dentro da coletividade, é conduzir o educando a uma determinada liberdade moral, sentindo-se obrigado a colaborar na moralização sempre imperfeita da coletividade, *ainda quando corra o risco de ser sacrificado por ela mesma*».

Colaborando, pois, eficazmente, como representante do governo do Estado junto á escola, na moralização dela e da coletividade em cujo seio se instalou, era natural que essa coletividade me sacrificasse, como tentou fazê-lo, cumprindo-se assim o previsto pelo eminente educador alemão. A gréve geral de professores e alunos, ha poucos dias aqui verificada, é a mais exuberante próva disso; é a consequencia logica da atuação réta, num estabelecimento *particular* de ensino e, porisso mesmo, interessado devéras na elevação da *quantidade* de seus alunos, com sacrificio embora da *qualidade* deles, é a consequencia logica, dizia eu, da atuação réta de um funcionario leal e esforçado, zeloso e idealista, sentinela unica da Diretoria Geral do Ensino perante o estabelecimento, guarda avançada atento dos interesses sagrados do Estado em face dos não raro pouco escrupulosos interesses da coletividade local.

Não julgue, exmo. snr. Diretor Geral do Ensino, chamando-lhe a valiosa atenção esteja eu para meritos pessoais que não possua, em detrimento dos trabalhos de outrem. Tais esclarecimentos, emitidos com sobranceria, a mim me são ditados pela necessidade de defeza dos meus átos, a que me forçaram os acontecimentos. Junto remeto-lhe documentos comprobatorios do valor que os meus trabalhos possam apresentar e da dedicação com que sempre os realizei, nos diversos postos por que tenho passado, para que V. Exa. por eles avalie a luta gigantesca aqui por mim desferida contra a rotina, com tenacidade verdadeiramente apostólica, em pról de um ensino honesto, alicerçado em conhecimentos cientificos de grande alcance educacional.

Passemos agora ao trabalho por mim realisado.

Ao encetar a minha atividade nesta casa, trazia em mente bem clara a idéa do primeiro

passo a caminhar, definido nestas palavras lapidares de Theodoro de Moraes, eminente educador patricio: "Firmar e garantir a moralidade no meio escolar é o primeiro passo, o primeiro e o mais decisivo, para a sua eficiencia, o seu exito, o seu futuro. O problema moral precede os problemas técnicos, em pedagogia como em tudo o mais."

Foi assim que, observando atentamente o ambiente escolar deste estabelecimento, dois meses após a minha chegada aqui escrevia á Diretoria Geral do Ensino, pondo-a ao par das falhas mais graves por mim nele verificadas: 1.a) os professores não tinham horario certo para comparecer; 2.a) o diretor, medico competente e porisso mesmo senhor de vasta clinica, ocupava a cadeira de biologia, mas comparecia mui raramente para dar suas aulas; 3.a) a professora de português, senhora mui digna, não apresentava, contudo, e isso era devéras lamentavel, os dotes culturais necessarios ao eficiente desempenho da cadeira de grande responsabilidade a seu cargo. A resposta não se fez esperar: veio com o oficio no. 003.044, de 6 de junho de 1931, dessa Diretoria Geral e me determinava providencias energicas para a salvaguarda dos interesses do ensino nesta casa. De tais providencias, tomadas como o determina o regulamento vigente, resultaram a saída do diretor, a da professora de portuguêS e a do professor de francês, marido daquella e, porisso, solidario com a sua exoneração.

Si V. Exa. levar em conta que os demissionarios, medico um e advogado o outro, possuiam ambos largo circulo de amizades no lo gar, facilmente calculará o elevado numero de antipatias por mim grangeadas então, no cumprimento exato embora dos deveres que me impunha o espinhoso cargo. O publico, ignorando o sucedido, deixaria, como de fato se deixou, conduzir-se por informações falseadas e inevitaveis.

Não obtante as dificuldades disso advindas, reconstitui o corpo docente de comum acordo com o novo diretor, que assumia o cargo consciente dos deveres e responsabilidades com que o cumularam. Era tempo, pois, de iniciar o trabalho técnico, com o funcionamento, regular já, das aulas nesta casa.

Um sopro de vida nova invadiu então o recesso intimo da vida escolar. As aulas, de sonolentes e tristes que eram, tornaram-se ativas e alegres. Foram postos abaixo, por contraproducentes e prejudiciais, os *pontos ditados*, para que cedessem lugar ás atividades reais dos alunos, com plena satisfação dos interesses que lhes são proprios ás idades. A *decoração psitacica* foi guerreada mortalmente e o aprendizado funcional tomou-lhe o posto, num esplendido movimento de salutar entusiasmo. O lema de que "toda a lição deve ser uma resposta", de Claparéde, insigne pioneiro da "escola sobre medida", gravou-se indelevelmente no espirito dos professores, não tardando os frutos magnificos, em larga e promissora mésse, dele resultantes.

Não parou aí, exmo. snr. Diretor Geral, o trabalho técnico que me impuz. A dinamica do ensino só se completa, a meu ver, quando norteada pelo impulso vivificante de ideais socializadores e, porisso mesmo, de elevados intuitos civicos. Foram lançados os fundamentos de uma «republica escolar» que tivesse por divisa criar no educando, num ambiente de liberdade bem compreendida, o senso das responsabilidades morais pelos átos praticados. Tal instituição iria chocar-se, bem o sabia eu, com velhos habitos disciplinares de uma autoridade intolerante e injustificavel nos tempos atuais. Que importa! Era preciso que a escola se transformasse num viveiro de inteligencias e caractéres, para assim cumprir a grandiosa missão que lhe incumbe, e *inteligencias e caractéres não se cultivam e plasmam em ambientes estreitos de autoridade axfixiante.*

Somente a autonomia do educando pode leval-o a esculpir a propria personalidade e essa autonomia não pára aí, mas vai além, porque, como o acentúa Balesteros, «la autonomia se relaciona con la vida íntegra de la escuela: con el niño, con el maestro, con la organización y el régimen de la enseñanza, hasta com el sistema politico del paiz». Eis porque urgia a transformação radical da escola normal, em organização passadista então, e essa transformação se fez aos poucos, posto se não tenha completado ainda e esteja longe disso.

Houve quem, extranho á vida do estabelecimento e leigo na materia, acoimasse de precipitada a innovação, «por não estar ainda preparado o terreno para recebe-la». A esta objeção, respondi com dois artigos vibrantes no jornal local, em que insistia conciente:

> «Sabemos perfeitamente (são palavras de um dos artigos) que, a principio, serão frequentes os erros em que incidirão os alunos. Em primeiro lugar, por não estarem penetrados ainda, pois ainda não viveram em liberdade, do espirito de alta reconstrução social que nos anima o intento; depois, porque não possuem, como o não ignoram os proprios meio-cultos, a formação moral acabada e, si isto se verificasse, desnecessarias seriam todas as republicas escolares do mundo civilizado, por não possuirem, neste caso, missão que cumprir.
>
> Ao lançarmos a noticia da criação da nossa republica, não o fizemos ignorando as responsabilidades com que iriamos arcar, as dificuldades que haveriamos de vencer, custem o que custarem. Propuzemo-nos empreza de tamanha espinhosidade, por compreendermos que só com ela poderemos *educar* realmente, na mais larga acepção que os mestres de nomeada queiram dar a este termo. Somente vivendo em liberdade, aprenderá a mocidade a viver e se preparará para os embates futuros da vida.
>
> Não ignoravamos tambem, com a criação dessa republica, e isto é importante frizar, que ela não iria dispensar, antes pelo contrario, a colaboração eficiente do mestre experimentado, a quem compete emprestar-lhe todo o apoio, mas intervir sempre, *com tato e discreção*, para impedir os excessos que o entusiasmo febril da mocidade pudesse ocasionar, com prejuizo da disciplina interior da escola. Liberdade ao educando até onde comecem os direitos dos colegas e docentes, eis em síntese o que nos propomos.»

Está, pois, exmo. sr. Diretor Geral do Ensino, plenamente justificada a criação da republica escolar em Santa Rita. Mais alguns passos após o inicio, que, como todos os inicios, foi a parte mais dificil do trabalho, e veria coroados os meus esforços de todo o exito, com os resultados altamente educativos, colhidos da aplicação de uma idéa magnificente, vencedora em toda a linha nos paizes de adiantada cultura pedagogica.

Melhorados os métodos de ensino e criada a republica escolar, aqueles visando dar vida nova ao trabalho e esta introduzir novidades sensacionais na disciplina, de que resultarão estupendas iniciativas por parte dos alunos, as minhas vistas se voltaram para a organização da bibliotéca. Com estas palavras, ditas pela imprensa local, lancei a noticiá alviçareira dessa organisação:

> «A vida tem algo de sublime para os idealistas sinceros, para os amigos da meditação e do silencio, nas horas placidas de descanso, em que preparam os voos arrojados do dia seguinte, quando, em arrancadas febris para o alcance de ideais definidos, não descrêem da vitoria do bem, do supremo bem, nos embates rijos da inteligencia. E para que essa descrença nos não penetre o coração sensivel, nos não domine o espirito que pensa e se prepara para novas lutas, reforcemo-lo com idéas salutares, hauridas em livros escolhidos, de lições sábias e prudentes.»

Como me escasseassem meios materiaes para empreza de tamanho vulto -- a criação de uma bibliotéca especializada, levei os alunos a realizar uma festa no cinema local, em comemoração ao 7 de Setembro, e lá, em improvisada e extensa oração, convenci o povo da necessidade de empreender o meu intento, em beneficio exclusivo da educação da mocidade sob meus cuidados.

Sendo freira e céga a excelente diretora do orfeão, motivo pelo qual não poderia estar presente no recinto festivo, tomei a meu cargo o ensaio dos hinos e canções que constituiram a parte musical e, com auxilio ao piano de aluna mui dedicada e inteligente, logrei arrancar aplausos delirantes da assistencia, no meio da qual se achavam alguns professores da normal de Pirassununga, pela afinada organisação coral apresentada.

Aproveitando o ensejo, fiz correr listas pelos presentes em beneficio da bibliotéca, apurando um total de oitocentos e poucos mil réis mais a oferta de alguns livros, uma coleção da «Bibliotéca Internacional» inclusive.

Resultado: a bibliotéca acha-se aberta em amplo salão e já conta com perto de trezentas obras escolhidas, consultadas diariamente pelos alunos.

Leve-se em conta ainda, como serviço apreciavel prestado a esta escola, a regencia por mim, com autorização superior, *em carater gratuito*, por espaço de oito meses, da cadeira de organização escolar e didatica, até que, findo esse tempo, me fosse dado, após estudo cuidadoso das condições culturais e técnicas das candidatas ao cargo, indicar a que, sem possibilidade de contestação, apresentasse melhores credenciais ao seu desempenho eficiente.

Acentúo finalmente o interesse invulgar por mim votado sempre, com olhos postos na finalidade principal do estabelecimento, á parte técnica do curso. «A escola normal que não esteja aparelhada para formar o professor na sua «especialidade profissional», e dar-lhe, por meio de estudos especializados, a consciencia de sua função e a capacidade técnica indispensavel ao exercicio do magisterio, não póde satisfazer á sua finalidade no conjunto das instituições escolares.» Eis porque, no desempenho do mais elementar dever de orientador deste estabelecimento, esforcei-me por fazer todo o seu trabalho girar em torno deste alvo centralizador: formar o professor primario capaz, o professor primario que, pelas suas condições de cultura, quer geral, quer profissional, leve desta casa consciencia clara da elevada missão a realizar e dos esforços que, para realiza-la eficientemente, lhe cumpre despender.

Circunstancias desfavoraveis ao alcance desse objetivo, houve-as por certo e muitas, já de ordem material, já de ordem moral. Procurei supri-las contudo, a golpes de tenacidade, estribado sempre na certeza inabalavel de resultados lisonjeiros, reservados a esforços que se gastam sob o impulso e ao calor de nobres intuitos.

Considere V. Exa. agora, exmo. sr. Diretor Geral do Ensino, as dificuldades multiplas em que se debatem escolas normais como esta, de escassos recursos, pagando, com vencimen-

A Resposta

Continuação da terceira pagina:

(*Para felicidade*) dos moços da nossa terra, porém, nem todos se deixarão contaminar do virus corruptor a que aludimos, pois que a semente da originalidade que lançámos em seu espirito germinará por certo e frutificará um dia, fruticação magnifica esta, de vantajosos e alviçareiros resultados, orientadores sem duvida, para novos rumos, da sociedade em cujo seio vivem e anseiam.

Cremos piamente no futuro. Ele nos trará a confirmação categorica do nosso prognostico, prognostico que assentámos após penosos mas confortadores sacrificios, despendidos em favor de propositos sadios e nobres. As lições dos professores entusiastas jamais se apagaram do espirito de seus alunos, pois que aí se radicam em idéas sãs e estas trazem indubitavelmente em seu bojo o caracteristico esplendido da motricidade, que as levará á inevitavel realização de atos definidos e certos, em pról do aperfeiçoamento sempre crescente da coletividade humana.

Esperemos confiantes o futuro. A diagnosticos racionalmente feitos sempre corresponderam prognosticos infaliveis.

tos irrisorios, *professores improvisados,* sob a direção não raro, como é o caso deste estabelecimento, de *rapazes inexperientes e inteiramente leigos em materia educativa,* e V. Exa. verá facilmente quão grande se apresenta, aos respectivos professores fiscais, entre os quais me filio, a tarefa espinhosissima por cujo fiel desempenho respondem.

Não obstante os tropeços de toda a ordem por mim acima enumerados, não ficariam aí por certo, emperrados e satisfeitos, os meus anseios de modificações profundas no organismo escolar desta casa. Voltava agora as minhas vistas para a criação de uma oficina de trabalhos manuais, para que se não pensasse tivesse me batido sómente por intuitos intelectuais e livrescos. Não me saindo nunca da mente a verdade cristalina de que, consoante o formulado por Anaxágoras, cinco seculos antes de Cristo, «o homem pensa porque tem mãos», levantou-se já, sob minhas vistas, no pateo desta escola, sob a frondosa cópa de arvores amigas, modesto pavilhão, que servirá de abrigo á oficina de trabalhos diversos, a ser criada em breve.

Era minha intenção tambem atacar, já e já, com outras bases, o problema da educação fisica, não me esquecendo, como dele não podem esquecer-se todos os educadores, do conceito luminoso de Fernando de Azevedo de que «o cerebro é uma alavanca, cujo ponto de apoio é o musculo».

V. Exa., porém, atendendo um meu insistente pedido de união com minha esposa, tambem professora, lecionando fóra daqui todavia, veio impedir o termo por mim da série valiosa de inovações iniciada, justamente quando um incidente de pouca monta, mas significativo devéras pela causa de que se originou e pelas lições fecundas apresentadas, tentou perturbar a boa marcha dos trabalhos neste estabelecimento. Passo a pintar-lh'o com a concisão que o assunto, por sua natureza delicada, comporta.

Em 17 do corrente, mantendo palestra amistosa com o diretor deste estabelecimento, no nosso gabinete reservado, pedi-lhe as providencias seguintes, visando apenas com elas salvaguardar o bom nome e manter o regular funcionamento da casa: 1.a) evitar cautelosamente que as normalistas se façam conduzir, quando vestindo o uniforme escolar, de outras pessoas que não sejam as proprias colegas ou parentes (art. 365 do regulamento vigente); 2.a) não permitir que os alunos fumem dentro do predio e demais dependencias (art. 577, letra b); 3.a) convidar os professores que fumam a faze-lo no meu gabinete, longe tanto quanto possivel das vistas dos alunos, mórmente si pertencerem estes ao curso complementar (art. 586, letra b); 4.a) pugnar por que entrem sempre no horario os alunos do estabelecimento (art. 365).

Como V. Exa. vê, são providencias todas previstas pelo regulamento em vigor e qualquer espirito mediano veria nelas fundamentos de incontestavel moralidade e valia. O diretor infelizmente tomou-as como «exigencias inexequiveis», como «coisas de somenos importancia», preferindo exonerar-se a cumpri-las. Tal exoneração por sua vez levou, em gesto de precipitada e inexplicavel solidariedade ao diretor, «que lhes havia defendido os interesses», os corpos docente e discente á gréve geral de que V. Exa. teve ciencia.

Eis, em síntese, e com a maxima fidelidade, o que se passou. Andou errado o professor fiscal? Fui eu demasiado exigente?

Entrego o caso, exmo. sr. Diretor Geral, ao seu julgamento esclarecido de educador.

***

E' tempo de terminar. Compreendo que fui demasiado extenso nesta exposição, mas extensa em demasia foi tambem, como V. Exa. viu, a influencia que, como educador consciente dos meus deveres, tive nos trabalhos desta casa. E' que não limitei as minhas atividades unicamente ás exigencias parcas do expediente diario: fui mais longe, fui além, confirmando assim inteiramente, em eloquente próva de amor ao sacerdocio educacional, a maravilhosa sentença de Dario Veloso:

— O Mestre morre; não se rende.
— A escola é a Consciencia:
NÃO CORROMPE.

Santa Rita, Escola Normal Livre, 8 de Abril de 1933.

a.) JOSÉ CARDOSO.

DOCUMENTOS

A seguir publicaremos dois documentos de valor, para que, como acentúamos no artigo de apresentação, por eles possam os nossos amigos de Santa Rita julgar serenamente da dignidade com que buscámos imprimir á escola normal orientação compativel com os ditames da moderna pedagogia. Um homem com esse passado não poderia, sob pena de aviltar-se demasiado, fechar os olhos ás imoralidades com que, sob a capa transparente de dissimulações frequentes, se pretendia sacrificar os interesses sagrados da coletividade, para exclusivo realce de interesses particulares injustificaveis.

O primeiro dos referidos documentos foi-nos enviado pela Inspetoria Geral do Ensino do Paraná, quando deixámos a direção de um dos melhores grupos escolares do prospero Estado visinho. Ei-lo:

«Inspetoria Geral do Ensino do Paraná.

Oficio n.º 1348.

Curityba, 23 de Novembro de 1927.

Illmo. Snr. Professor José Cardoso.

S. Paulo.

Venho agradecer ao distincto professor os bons e reaes serviços que prestou á instrucção publica deste Estado, como professor e diretor do Grupo Escolar de Jacarézinho, do qual se retirou por sua livre e espontanea vontade e bem a pezar meu.

Ao mesmo tempo attesto que a sua conducta, durante cerca de quatro annos em que exerceu aquelle cargo de grande responsabilidade, foi exemplar, quer quanto á sua vida particular, quer no exercicio profissional. Mereceu sempre a mais completa confiança desta Inspectoria, da qual nunca desmereceu; antes dia a dia foi-se tornando mais merecedor da estima, amizade e consideração não só desta Inspectoria, como do Governo do Estado e da população local. Foi sempre honesto, recto e leal. Agiu com muito patriotismo e com a competencia elevada que o torna digno de figurar entre os mais distinctos professores do grande e admiravel Estado de S. Paulo.

Tornou o grupo de Jacarézinho um dos mais efficientes do Paraná; foi justo e energico, revelando as mais perfeitas qualidades de direção

Lamentando a sua retirada do magisterio paranáense, asseguro que encontrará neste Estado a hospitalidade a que tem direito, pela dignidade do seu procedimento, e terá á sua disposição um alto posto na instrucção (lente cathedratico ou sub-inspector do ensino) quando quizer voltar e quándo essas situações dependerem da minha pessoa.

Com a maior estima e toda a consideração, firmo-me

seu att.º, am.º e agr.º

a) Lysimaco Ferreira da Costa.»

O segundo documento é a copia, em publica forma que, com o primeiro, temos em nosso poder e podemos apresentar a quem quer que seja, do oficio enviado ao dr. Amadeu Mendes, Diretor Geral da Instrução Publica paulista, pelo Secretario do Interior de Goiás, quando deixámos naquele Estado central o cargo comissionado de auxiliar na reorganização do seu ensino. Ei-lo:

«Estado de Goiás. Secretaria do Interior e Justiça.

Goiás, 30 de Julho de 1930.

Exmo. Snr. Dr. Amadeu Mendes, m. d. Director Geral da Instrucção Publica de São Paulo.

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Excia. que nesta data foi dispensado da commissão, a que tanto relevo deu, neste Estado, como membro da missão pedagogica paulista, o professor José Cardoso. Faltaria a um dever de justiça se não salientasse aqui a acção desse illustrado membro da missão, na reforma por que passou a organização do ensino primario neste Estado, não só pela competencia e dedicação com que se houve em sua tarefa, como pelo amor apaixonado com que exerce a sua nobre profissão. A essa Diretoria, pois, todos os agradecimentos desta Secretaria.

Sirvo-me da opportunidade para apresentar a V. Excia. os protestos de minha elevada estima e distincta consideração.

Saúde e fraternidade.

a) Jalles Machado de Siqueira,

Secretario interino do Interior.»

Como vêem os leitores, a nossa ida para Santa Rita não teve por fito dar desempenho a uma função para a qual não nos sentissemos moralmente capazes. Entrámos de fronte erguida e de fronte erguida saímos, com a convicção plena de que sempre andámos direito, cumprindo á risca o nosso dever e repelindo sempre energicamente todas as insinuações malevolas com que, no cumprimento dele, os inimigos do bem publico nos tentaram ludibriar.

Eis porque, conduzido sempre pela experiencia que nos trouxeram anos fecundos de labuta em meios diferentes, guerreámos em nossa terra, sem receio das carrancas que nos fizeram alguns de seus homens, movidos por interesses mesquinhos de baixa politicalha, de politicalha de campanario, todas a tentativas por parte deles que, indo de encontro ao regular e honesto funcionamento da escola, fossem attentados aviltantes contra o regulamento do ensino vigente. Nunca nos arreceámos dos arreganhos ameaçadores dos espiritos mediocres. Eles giram, como o afirma Ingenieros, na orbita da rotina e evitam saír dela para cruzar espaços novos. «Ocupados em desfrutar o existente, alimentam horror para com toda inovação que perturbe a sua tranquilidade e lhes traga dessassocegos. As ciencias, o heroismo, as originalidades, as invenções, a propria virtude parecem-lhes instrumentos do mal, posto que desarticulam o edificio dos seus erros: como nos selvagens, nas crianças e nas classes incultas. Sua impotencia para assimilar idéas novas os obriga a adotar as antigas.»

Comnosco o que se deu em Santa Rita foi justamente o assinalado pelo eminente filosofo argentino. Um educador moço, que se proponha levar para o terreno da pratica idéas elevadas de modificação radical nos habitos inveterados de uma coletividade conduzida pelo rebenque dissimulado e hipocrita de politiqueiros incultos e rotineiros, correrá o risco de se ver isolado com as suas idéas, desadaptado no meio a que se dirige, como elemento prejudicial ao seu sossego e ao seu bem estar, bem estar e sossego que só existem com a continuação ruinosa de sua série interminavel de erros, erros que se eternizam para, e aqui estão os seus maiores maleficios, arrastar comsigo, pela mesma trilha enfermiça de hipocrisia e rotina, a mocidade estudiosa das escolas, esperanças unicas e radiosas de cujas avançadas dependerá incontestavelmente o avanço moral da sociedade de seu tempo. Para felicidade

ANNO I

A RESPOSTA

NUM. UNICO

S. PAULO | Agudos, 20 de Maio de 1932 | BRASIL

O DEVER DO EXEMPLO

AOS COLEGAS DE MAGISTERIO

«O mestre do futuro terá a seu cargo a mais séria função da vida social. Não será um automato repetidor de programas, que outros engendram e ele não compreende, mas um animador de vocações multiplas que vibram na criança, buscando aplicações eficazes. Despertará capacidades *com o exemplo;* ensinará a fazer, *fazendo;* a pensar, *pensando;* a discorrer, *discorrendo;* a amar, *amando.* Educar deve ser uma arte agradavel; o mestre deve formar caractéres, como o escultor plasma estatuas.»

Soam bem e calam fundo, no espirito dos professores moços sobretudo, estas sábias palavras de José Ingenieros.

Ingenieros é sempre o mesmo mestre insigne, o mesmo profundo pensador americano, cujo espirito tem lampejos cintilantes, cujos conceitos rasgam clarões de franca luminosidade. Poderiamos comparar o espirito desse formidavel pensador a um desses grandes meteoros que fulgem em radiações solares, deixando após sua passagem acentuada esteira de brilho sem par, por onde caminham, seguros de si, os seus admiradores e discipulos.

Leiamos essa passagem d«As Forças Morais» e penetremos fundo n'alma do filosofo.

«O mestre do futuro terá a seu cargo a mais séria função da vida social.» Para Ingenieros, pois, ser mestre é ser alguem, é ser alguem com personalidade propria, alguem consciente da missão grandiosa que, na sociedade, lhe cabe desempenhar.

O repetidor de compendios, escravo de «programas que outros engendram», incapaz conseguintemente de iniciativas originais, não está á altura da tarefa ingente que lhe toca executar. É um automato sem opiniões proprias, é um fantoche articulado á tutela gananciosa dos caciques de aldeia, empenhados sempre, por instinto, na conservação de costumes retrogrados e anacronicos.

O mestre moderno, o mestre do futuro, o mestre que o presente reclama, é «um animador de vocações multiplas», é um despertador de tendencias latentes, um estimulador infatigavel das energias que se achem adormecidas no espirito do educando. Para sê-lo realmente, porém, tem de levar comsigo a flama vivificante de ideais altaneiros, ha de viver sempre insatisfeito com o estado atual das coisas e aspirar modifica-las sempre, adaptando-as assim aos anseios de nova vida que inquietam a alma sedenta do aluno.

Daí a necessidade de uma feição propria, de uma mentalidade original, de um carater definido, feição, mentalidade e carater que se impõem no meio social, para nele impôrem depois os processos de uma vida melhor, sob o imperio exclusivo então dos ditames elevados da consciencia individual réta e livre.

O mestre moderno leva bem claro no espirito o conhecimento do proprio valor, que, sendo proprio e real, é a personificação tipica da experiencia social. Será outro, que não o deportador dessa experiencia, o papel nobilissimo do mestre no seio da sociedade onde vive? Claro que que não. E' a necessidade da transmissão, de geração a geração, dessa experiencia que originou o sacerdocio do professor, com todos os seus obstaculos.

Como, pois, ha quem, sendo professor, se submete, sem com isso comprometer sériamente a nobreza de sua missão, á vontade ambiciosa de outros, de outros não raro incultos e incapazes, parasitas sempre, mas que a si se arrogam o direito de mando, de imposição, em atentado chocante contra a ordem natural e a hierarquia verdadeira dos direitos humanos? E' fato este cuja existencia absolutamente não podemos admitir. O seu simples enunciado põe-nos revoltados os nervos, tal a monstruosidade que significa.

Tamanha é, portanto, a grandeza do mistér professoral que não tememos avançar requeira ele, para o seu exercicio eficiente, almas de eleição, espiritos de escól, de predicados varios, indiscutiveis e invulgares.

O exemplo é, do professor moderno, a pedra de toque sem duvida. As palavras pouco fazem, não ha quem o não saiba. O exemplo é que convence e persuade, levando o educando á pratica de atos dignos. Não fosse, porém, a existencia, *até nos proprios adultos*, da importantissima tendencia imitativa, e pouca significação teria por certo a influencia do exemplo.

Atos vistos e ouvidos despertam idéas que são forças, forças que movimentam os homens e os levam á reproducção desses mesmos atos. Nessa capacidade motora das idéas reside incontestavelmente a causa da imitação, atestam-no com razão os psicologos da atualidade.

Si o mestre com palavras de incentivo leva o aluno a progresso apreciavel, precipita-o com o exemplo, que melhor lhe fala ao coração, ao aperfeiçoamento sempre crescente de seus dotes naturais e á aquisição de outros, com que se lhe define e acentúa a personalidade em formação.

O exemplo é a mola real que impulsiona o educando a modelar o proprio carater. Esculpindo caractéres, como estatuas plasmam os escultores, o mestre, pelo exemplo, levanta edificios de solidez granitica e invejavel acabamento, para gloria da Patria e da civilização humana.

A UM INGRATO

Ao farmaceutico Rocha Corrêa.

Não maldigo o rigor da minha sorte
Por mais atroz que fosse e sem piedade,
Arrancando-me o throno e a majestade,
Quando a dois passos só estou da morte.

A roda da fortuna não tem norte;
Conheço-lhe inconstante variedade,
Que hoje nós dá continua f'licidade,
E amanhã nem um bem que nos conforte.

Mas a dôr que excrucia e que maltrata,
A dôr cruel que o animo deplora,
Que fere o coração e quase o mata,

É ver na mão cuspir á extrema hora
A mesma boca, aduladora e ingrata,
Que tantos beijos nella deu autr'ora.

PEDRO II.

O Educador da actualidade

Do livro «Novos caminhos e novos fins» de Fernando de Azevedo.

O professor deve levar para as escolas um espirito aberto a todas as innovações significativas, e preparado a observar e a comprehender o que se passa na sociedade e á volta da escola e a tomar, em face das cousas e dos factos, essa attitude de observação e de duvida methodica, que convém a toda sciencia humana. Mas esse espirito scientifico e essa curiosidade universal, que o resguardarão contra a rotina e os preconceitos, obrigando-o a cultivar-se constantemente e a verificar e a comparar para concluir, requerem, para completar o educador, a chamma do idealismo que lhe mantenha, com a largueza e elevação de idéas, o amor apaixonado do officio, e, com a audacia reflectida, o ardor de generosidade, com que os verdadeiros educadores se excedem a si mesmos. «Nós raciocinamos de mais, não nos inflammamos», já o disse, com inteira verdade, um educador, que tinha, para confirmal-a, a experiencia de longos annos. «A instrucção, escreveu ainda P. Bernard, communica-se do mestre aos alumnos, numa especie de exaltação. O reino dos espiritos não pertence senão aos que o arrebatam».

O educador é, pois, antes de tudo, o artista, que, dominando com seu proprio genio, a technica pedagogica, renovando-a pela sciencia e racionalizando-a, á vista das aptidões congenitas dos alumnos, lhes imprime o caracter pessoal, tornando-a amavel e efficaz, pelo seu tacto subtil, pela sua intuição vigilante e pela capacidade, mais do que todas educativa, de se transmittir a si proprio. Elle deve, procurar conhecer, para applica-los, todos os recursos de sua propria natureza, como procurou conhecer, para oriental-a e aperfeiçoal-a, a natureza da creança. Mas, sobretudo deve ser profundamente humano. Pois, nós ensinamos, como pensamos e sentimos, com toda a nossa alma e com todo o nosso corpo.

Noticia Oportuna

Lendo «O Estado de São Paulo» de 30 de abril findo, em suas noticias do Rio, deparámos nele o seguinte, que para aqui transcrevemos por ser de interesse a algum dos nossos leitores:

«O ministro da Educação declarou aos diretores do internato e do externato do Colegio Pedro II que os alunos daqueles estabelecimentos, quando uniformizados, estão sujeitos á disciplina escolar, *ainda mesmo fóra do colegio.*»

Interessante devéras tal noticia. Dispensa quaisquer comentarios. Cumprimos o dever, contudo, de assinalar o facto e manifestar a estranheza que nos causou. Na capital da Republica não rezam pela cartilha *adiantadissima* de certo *pedagogo* que conhecemos.

Declaracão

A' PRAÇA SANTARITENSE

O professor José Cardoso declara a quem possa interessar que, tendo-se retirado de Santa Rita com sua familia, em 8 de abril do corrente ano, não lhe consta lá houvesse deixado divida alguma por ser saldada. Caso, porém, alguem se julgue seu credor, será obsequio enviar-lhe a conta, para imediata liquidação, sendo justa.

Agudos, 20—5—932.